

# Relato de Experiência do Banco Comunitário de Desenvolvimento Jardim Botânico

*Experience Report of the Jardim Botânico Community Development Bank*



**Daniel Pereira dos Santos<sup>1</sup>, Paulo Sérgio dos Santos<sup>2</sup>, Rodrigo Moreira Rodrigues<sup>3</sup>, Sérgio Stênio Andrade Feitosa<sup>4</sup>, Vanderson Gonçalves Carneiro<sup>5</sup>**

## RESUMO

O artigo aborda a importância da extensão universitária como elo essencial entre a academia e a sociedade, destacando sua evolução para além da conexão teoria-prática. Enfatiza o papel ativo da extensão na superação de desigualdades, promovendo diálogo e ações sociais. Destaca a tríade ensino, pesquisa e extensão como referência para um ensino superior holístico. Além disso, discute a participação dos estudantes, valorização do conhecimento popular e busca por soluções inovadoras na extensão universitária. O segundo trecho apresenta um estudo de caso sobre o Banco Comunitário Jardim Botânico na Comunidade São Rafael, Paraíba, como exemplo bem-sucedido de economia solidária. O banco, mesmo com limitações geográficas, destaca-se pela resiliência, envolvimento comunitário e inovações, como moeda eletrônica. O mapeamento socioeconômico e pesquisa de Felicidade Interna Bruta orientam projetos alinhados às necessidades da população. Conclui ressaltando que, apesar das limitações, o BCDJB desempenha papel crucial no desenvolvimento local, oferecendo lições valiosas para futuras iniciativas de Bancos Comunitários.

**Palavras-chave:** Economia Solidária. Banco Comunitário de Desenvolvimento. Incubadora. Desenvolvimento Local Sustentável. Inclusão Social. Finanças Solidárias.

## ABSTRACT

The article addresses the significance of university extension as an essential link between academia and society, highlighting its evolution beyond the theory-practice connection. It emphasizes the active role of extension in overcoming inequalities, fostering dialogue, and promoting social initiatives. The triad of teaching, research, and extension is underscored as a reference for holistic higher education. Additionally, it discusses student involvement, the appreciation of local knowledge, and the pursuit of innovative solutions in university extension. The second section presents a case study on the Jardim Botânico Community Bank in São Rafael, Paraíba, as a successful example of a solidarity economy. Despite geographical limitations, the bank stands out for its resilience, community engagement, and innovations such as electronic currency. Socioeconomic mapping and Gross National Happiness research guide projects aligned with the population's needs. The conclusion highlights that,

<sup>1</sup> Mestrando em Gestão Pública e Cooperação Internacional (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: [danielpereiraradio@gmail.com](mailto:danielpereiraradio@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-4238-2012>.

<sup>2</sup> Mestre em Sociologia (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: [paulosociologia@hotmail.com](mailto:paulosociologia@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-4844-4155>.

<sup>3</sup> Mestrando em Gestão Pública e Cooperação Internacional (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: [rodrigoitiuba@hotmail.com](mailto:rodrigoitiuba@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2618-5560>.

<sup>4</sup> Mestrando em Gestão Pública e Cooperação Internacional (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: [sergiosafeitosa@gmail.com](mailto:sergiosafeitosa@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7918-4313>.

<sup>5</sup> Doutor em Ciência Política, Professor do Departamento de Gestão Pública (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: [vandersonc@yahoo.com.br](mailto:vandersonc@yahoo.com.br).

notwithstanding limitations, the Jardim Botânico Community Bank plays a crucial role in local development, offering valuable lessons for future Community Bank initiatives.

**Keywords:** Solidarity Economy, Community Development Bank, Incubator, Sustainable Local Development, Social Inclusion, Solidarity Finance.

## INTRODUÇÃO

No vibrante contexto da vida acadêmica, a extensão universitária desponta como uma ponte essencial, conectando os domínios do conhecimento à comunidade que se estende além dos muros das instituições de ensino. Nessa arena dinâmica, a interação entre a academia e a sociedade ganha destaque, delineando uma cooperação recíproca e valiosa.

Através da extensão, o saber se entrelaça com as necessidades e aspirações da população, criando um diálogo enriquecedor que transcende os limites dos campus. Essa interação ativa, amplifica a aplicabilidade prática do conhecimento e fortalece os laços entre a universidade e a comunidade, alimentando um ciclo virtuoso de aprendizado mútuo e desenvolvimento coletivo.

A relação da universidade com a comunidade se fortalece pela Extensão Universitária, ao proporcionar diálogo entre as partes e a possibilidade de desenvolver ações sócio-educativas que priorizam a superação das condições de desigualdade e exclusão ainda existentes. E, na medida em que socializa e disponibiliza seu conhecimento, tem a oportunidade de exercer e efetivar o compromisso com a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. (SILVA, 2011, p.2).

Ao longo dos anos, a extensão universitária evoluiu significativamente, transformando-se em um elemento essencial para a formação completa dos estudantes. No século XXI, ela transcende o papel inicial de simples conexão entre teoria e prática, abraçando uma abordagem mais holística. As atividades de extensão agora englobam projetos de responsabilidade social, programas de voluntariado, e iniciativas que promovem a sustentabilidade e a inclusão, refletindo a crescente consciência da relevância da educação além das paredes da sala de aula, ressaltando o comprometimento das instituições com o desenvolvimento social, assim como a compreensão de que a aprendizagem não se limita aos livros, mas deve integrar-se de maneira dinâmica à realidade ao entorno.

Ao ensino, é proposto o conceito de sala de aula que vai além do tradicional espaço físico, compreendendo todos os demais, dentro e fora

da universidade, em que se realiza o processo histórico-social com suas múltiplas determinações, passando a expressar um conteúdo multi, inter e transdisciplinar, como exigência decorrente da própria prática. (MARTINS, 2008, p.203).

No cerne da extensão universitária persiste a missão de construir uma ponte entre a academia e a sociedade, no entanto, essa ponte agora se estende por diversos caminhos, conectando-se a diferentes aspectos da vida contemporânea. A extensão universitária, portanto, além de complemento educacional, torna-se uma peça fundamental na construção de uma sociedade mais engajada, consciente e colaborativa, destacando-se como um veículo crucial para a disseminação do conhecimento e da responsabilidade social.

“A extensão destaca-se no contexto universitário por atender as necessidades da comunidade externa, buscando construir, disseminar e discutir o conhecimento produzido pelas Universidades perante as realidades e necessidades sociais do país” (Deggerone, et al. 2023).

Ao longo das décadas, a extensão universitária evoluiu, moldando-se diante das transformações sociais, econômicas e tecnológicas que delinearão os contornos da história. No decorrer do século XX, ela assumiu um papel proeminente como uma ferramenta fundamental na busca pela democratização do conhecimento, abrindo as portas da educação e facilitando a interação direta entre a academia e as diversas comunidades que compõem o tecido social, refletindo assim a sua capacidade de se adaptar às nuances do tempo, destacando seu compromisso inabalável com a construção de pontes educacionais e o fomento de um ambiente participativo e inclusivo.

Com o transcorrer do tempo, a extensão universitária ampliou seu escopo para além das convencionais iniciativas de assistência social, abraçando uma multiplicidade de áreas do conhecimento. Nesse processo evolutivo, incorporou programas dedicados à pesquisa, cultura, esporte, saúde e desenvolvimento sustentável, transcendendo as fronteiras acadêmicas tradicionais. Esta expansão revela uma compreensão profunda de que a universidade não pode prosperar de maneira isolada; ao contrário, ela deve se engajar ativamente na promoção do desenvolvimento integral da sociedade, reforçando a noção de que a instituição acadêmica desempenha um papel vital na construção de uma comunidade mais robusta e dinâmica, catalisando o progresso em diversas esferas do conhecimento e do bem-estar social.

Alicerçada em princípios fundamentais, a extensão universitária empenha-se na promoção de uma interação estreita entre a academia e a comunidade. A tríade composta

por ensino, pesquisa e extensão emergiu como um modelo de referência, reconhecendo a vital importância da integração dessas dimensões para a construção de um ensino superior mais holístico e enriquecedor. Essa abordagem fundamentada em princípios sólidos, fortalece a qualidade do aprendizado acadêmico, consolidando a noção de que a universidade é uma entidade dinâmica, intrinsecamente conectada às necessidades e desafios da sociedade que a circunda. Essa simbiose entre teoria e prática, entre a sala de aula e o cotidiano, contribui ativamente para a formação de cidadãos mais capacitados e conscientes.

Entre os pilares que sustentam a extensão universitária, ressalta-se a participação ativa dos estudantes, a valorização do saber popular, a promoção da cidadania e a busca incessante por soluções inovadoras para os desafios sociais. Estes princípios não são apenas diretrizes, mas sim bússolas que orientam a prática da extensão, assegurando que suas iniciativas estejam intrinsecamente alinhadas com as necessidades concretas da sociedade. O envolvimento ativo dos estudantes enriquece o processo educacional e confere um caráter mais dinâmico e participativo às ações da extensão, estimulando um aprendizado mútuo entre a academia e a comunidade. A valorização do conhecimento popular reconhece a riqueza presente nas experiências cotidianas, enquanto a promoção da cidadania reforça o compromisso da extensão universitária em contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A incessante busca por soluções inovadoras revela a natureza proativa da extensão, que busca constantemente novos caminhos para enfrentar os desafios emergentes e transformar de maneira positiva a realidade à sua volta.

Conhecer, na dimensão humana, que aqui nos interessa, qualquer que seja o nível em que se dê, não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. [...] O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demonstra uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a qual está submetido seu ato. [...] Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. (FREIRE, 2010, p. 27).

A participação em projetos de extensão enriquece a formação acadêmica, proporcionando aos estudantes a oportunidade de transcender os limites do conhecimento teórico e aplicar suas habilidades em contextos práticos. A interação direta com as

demandas e complexidades da comunidade enriquece o aprendizado, expandindo a visão dos alunos, cultivando habilidades interpessoais, éticas e de resolução de problemas. A vivência prática promovida pelos projetos de extensão, fortalecem a aplicabilidade do conhecimento adquirido em sala de aula, nutrindo o desenvolvimento de uma perspectiva mais holística e comprometida com as nuances da sociedade.

## DISCUSSÃO

Os Bancos Comunitários de Desenvolvimento, tem por finalidade não maximizar o lucro, mas fomentar o desenvolvimento econômico das comunidades onde estão inseridos e que os utilizam, para a construção de uma rede de Prosumadores, que significa basicamente produtores e consumidores conscientes deste processo de consumo e produção.

Nasceram a partir da remoção forçada de famílias da orla de Fortaleza no Ceará e para o conjunto Palmeiras, que de forma coletiva constrói uma associação para realizar a melhoria do território, através de lutas por direitos.

O Banco Palmas foi o primeiro banco comunitário brasileiro, fundado em janeiro de 1998, pela Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras (ASMOCONP), um bairro com 30.000 habitantes, localizado no sul de Fortaleza, Ceará, no nordeste do país. O intuito da criação do banco foi o de implementar ações de desenvolvimento local e de inclusão social, as quais conferiram ao banco o motivo por ser considerado uma das principais experiências de economia solidária no Brasil (Mostagi, et al. 2021).

Essa experiência de Fortaleza gera frutos e se espalha por todo o Brasil, mostrando que as ações dos BCDs podem contribuir para a melhoria da geração de renda em territórios empobrecidos.

No Estado da Paraíba, as discussões de BCDs, começam a partir da implementação da experiência do Banco Comunitário Beira Rio, nome dado em homenagem ao rio Jaguaribe que corta todo o Bairro São José em João Pessoa. A ação tem apoio da Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal da Paraíba através das duas incubadoras de economia solidária que através de um edital aberto pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, por meio de sua coordenação de economia solidária, executam no seu território.

O BCD Beira Rio, passa por alguns problemas de gestão, até mesmo por um assalto em sua sede, além da falta de recursos e apoio após o término do projeto apoiado pelo poder público, o que faz com que ele não tenha continuidade de suas ações.

Mesmo com esta situação no São José, a INCUBES-UFPB, mantém parceria com a ITES-UFBA e realizam diálogos com a comunidade São Rafael, também às margens do Rio Jaguaribe, que desenvolvem através da entidade local ações com rádio comunitária e a padaria comunitária um dos empreendimentos de economia solidária mais antigos de João Pessoa.

O Banco Jardim Botânico, localizado na cidade de João Pessoa, na Comunidade São Rafael, diferente dos demais Bancos Comunitários do Projeto Ações Integradas, já havia sido implantado quando o projeto PAIES teve início, e nasceu da experiência consolidada de uma organização local, o Instituto Voz Popular, na época da inauguração do BCD, chamado de Centro Popular de Cultura e Comunicação – CPCC que já era acompanhado pela Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários – INCUBES/UFPB. O IVP já atuava nesse período, a mais de quatro anos com economia solidária através do Grupo Produtivo de Panificação que mais a frente viria a se tornar a Padaria Comunitária São Rafael.

A discussão sobre BCD surgiu em dezembro de 2011, quando a INCUBES, parceira do IVP, desde 2005, em uma reunião na Comunidade, mostrou a experiência do Banco Palmas e que estava inserida no Projeto de Implantação de Bancos Comunitários da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos Solidários da Universidade Federal da Bahia (ITES-UFBA). Este projeto tinha como uma das metas inserir 01 BCD na Paraíba, daí a proposta da INCUBES, de que este Banco Comunitário poderia ser inserido na comunidade, devido a suas articulações locais e seu desenvolvimento comunitário que já se mostrava muito forte (SANTOS, 2013).

Antes mesmo de ter formação sobre moedas sociais e de conhecer a experiência dos Bancos Comunitários de Desenvolvimento, o grupo já utilizava tal instrumento. Abaixo podemos ver esta moeda que foi utilizada em uma feira de economia solidária realizada no Centro de Vivências da UFPB.

A partir dessas experiências a aceitação por parte do IVP e de seus membros foi mais facilmente assimilada e deu se início o processo formativo do BCD.

Os fenômenos identificados estão ligados a uma integração entre instituições comunitárias e a relação com parcerias externas das quais resultaram um empreendimento coletivo, o grupo produtivo jovem pão padaria, a rádio comunitária voz popular e um conjunto de projetos educativos [...]. (LUCENA, 2013)

Neste momento começam as formações realizadas pela Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da Universidade Federal da Bahia – ITES/UFBA, parceira da INCUBES e que com sua equipe técnica foi a responsável por toda parte de construção metodológica do banco comunitário junto à equipe, aos moradores e comerciantes da São Rafael.

Neste processo de sensibilização da comunidade, foram utilizadas várias formas para fazer o tema ser conhecido pelos moradores entre elas foram realizados desde programas na Rádio Comunitária Voz Popular e na Amplificadora São Rafael, passando por sessões de cinema na rua, palestras abertas ao público, além de um intercâmbio onde a equipe do IVP, Conselho Gestor do Banco, Moradores e comerciantes puderam visitar e conhecer na prática a experiência do Banco Palmas em Fortaleza/CE.

Esta visita teve papel fundamental na aceitação da ideia pelos mesmos e principalmente pelos comerciantes e moradores que foram até o Conjunto Palmeiras, conhecer na prática o uso da moeda social Palmas e as ações do Banco Palmas, junto ao território contribuindo para a apropriação de uma nova lógica financeira.

Após a visita o processo é consolidado e se define o nome do Banco que passa a ser chamado de Banco Comunitário Jardim Botânico, referência ao Jardim de mesmo nome localizado em frente à comunidade.

Em outubro de 2012 aconteceu lançamento da Moeda social Orquídea em uma atividade que contou com as presenças dos moradores, instituições da comunidade, parceiros locais como as ONGs AMAZONA e ESSOR Brasil, além da INCUBES e ITES, contando com a presença do Professor Paul Singer, Secretário Nacional de Economia Solidária (RAPOSO, 2014).

Já a Moeda Social passa a se chamar Orquídea, referência à variedade da flora existente em toda a comunidade e na Mata do Buraquinho, maior reserva de Mata Atlântica de uma capital no Brasil que circunda a comunidade.

Sua inauguração, que foi realizada no dia 27 de Abril de 2013. Inauguração que contou com a participação de várias autoridades, como foi o caso do então Secretário do Orçamento Participativo da Cidade de João Pessoa, Hidelvânio Macedo, da Vereadora Elisa Virgínia, além de várias pessoas de outros bairros, cidades, estados, até de outros países,

que foram prestigiar essa, que foi a criação do segundo Banco Comunitário de Desenvolvimento do Estado da Paraíba (DOS SANTOS, 2013).

Chama a atenção nesta inauguração, o poder de mobilização da comunidade e da entidade gestora, junto a outros atores sociais e políticos locais, tanto do Município quanto do Estado da Paraíba.

Um processo importante na construção do Banco Comunitário Jardim Botânico é o mapeamento socioeconômico da comunidade, que permite tanto a INCUBES quanto ao IVP montarem um banco de dados extremamente robusto sobre o território, desde a produção e o consumo, até o panorama sociopolítico e cultural local.

Isso é possível, pois, a Comunidade São Rafael além do mapeamento socioeconômico foi o primeiro local na Paraíba a realizar a Pesquisa de Felicidade Interna Bruta (FIB), que diferentemente do Produto Interno Bruto (PIB), que mede as riquezas produzidas no país e não necessariamente reflete o crescimento real do território, a FIB, tem seu foco na felicidade de cada indivíduo do local, buscando compreender o que faz ou não o território evoluir ou retroceder e o quanto essa felicidade contribui para esse crescimento.

Estes dados permitiram a construção de um banco de dados que hoje serve de base para elaboração de projetos, além de cobranças junto ao poder público local nas duas esferas, municipal e estadual.

Além deste mesmo banco de dados ter contribuído na construção da linha de crédito do BCDJB, que disponibiliza recursos para uma linha de consumo, os membros do BCD definiram que seria (Alimentos, gás e medicamentos), e o valor disponível para essa linha seria de O\$ 100 (Cem Orquídeas), que poderia ser dividido em até quatro parcelas sem juros.

Outro benefício do mapeamento socioeconômico foi descobrir os vários empreendimentos populares existentes dentro da comunidade, que iam desde a criação de porcos, passando por revendedoras de produtos de beleza, quitinetes, vendedores de material de limpeza, até os mercadinhos mais estruturados.

A partir desta experiência do Banco Comunitário Jardim Botânico, a forma de se discutir esta ferramenta na Paraíba ganha outro patamar.

Essa é praticamente a primeira experiência de Bancos Comunitários do Estado, as incubadoras fazem um esforço grande de apoiar, mas sobretudo as incubadora se sentem gratificadas com processo de auto organização das comunidades. E nesse exemplo aqui de São Rafael, São Rafael dá mostras uma capacidade de autorganização muito importante, são diferentes iniciativas aqui da comunidade que se organizaram entre si e em torno da construção deste banco e outros entes apoiadores. Para as universidades, para as incubadoras essa iniciativa é fruto de uma parceria de uma união mesmo entre nossa incubadora na Universidade Federal da Bahia a ITES e a incubadora aqui da Universidade Federal da Paraíba. Então existe essa dimensão de entrelaçamento digamos assim de parceria de trabalho cooperado que está acontecendo tanto no nível da comunidade quanto no nível das universidades. É motivo de satisfação muito grande, a gente quer inclusive parabenizar esta iniciativa. (ENTREVISTA DE GENAUTO FILHO, RÁDIO COMUNITÁRIA VOZ POPULAR, 2012)

Entendo colocações como essa, do Professor Doutor e maior nome acadêmico na área dos bancos comunitários, Genauto França, que a INCUBES passa então, com recursos próprios a dialogar em outros locais e contribuir para o surgimento de novas experiências Paraíba afora como veremos abaixo, através da parceria e experiência do Banco Comunitário Jardim Botânico.

Hoje o BCDJB, desponta como uma referência na gestão das finanças solidárias para os demais bancos do estado e do Brasil, por ser inserido em um pequeno território geográfico, acaba podendo experimentar e criar mais, sem grandes perdas financeiras.

Atualmente, conta com 12 comerciantes conveniados ao sistema de moeda social circulante, dos quais ajudou a formalizar 05, através do sistema de Microempreendedor Individual (MEI), é um dos empreendimentos econômicos solidários do Centro Público Estadual de Economia Solidária representando a Rede Paraibana de Bancos Comunitários de Desenvolvimento.

Foi o primeiro a utilizar a moeda social eletrônica E-Dinheiro no Estado da Paraíba. E mais recentemente começou diálogos para implantação de um cartão de débito próprio: Orquídea Card. O cartão tem como objetivo facilitar a circulação da moeda social orquídea a partir da Padaria Comunitária São Rafael. Outro diferencial do cartão será a tecnologia usada no mesmo, baseada na lógica opensource (Software Livre).

Quando do acompanhamento pelo projeto PAIES, o BCDJB já havia avançado em diversos pontos da metodologia de criação dos Bancos Comunitários, inclusive da fase 4, a de consolidação, que vem a ser a última fase de todo o processo. O PAIES pautou

novamente demandas da fase 3, de implantação, como formação de planejamento do Banco Comunitário com entidade gestora, formação de planejamento com Conselho Gestor para determinar o funcionamento do Banco, produtos, gestão, parcerias e formação de planejamento do CAC (Comitê de Avaliação de Crédito). A fase 4, a de consolidação, foi acompanhada pelo PAIES de forma quase que totalitária, pois no tocante a esta fase, eles já realizavam reuniões com o poder público local, para novas parcerias e formações especializadas e focadas em gestão interna do BCD.

O PAIES passou a acompanhar o Banco Jardim Botânico com a finalidade de fortalecer essa experiência, já que com toda a estrutura do PAIES, terminar de aplicar a metodologia de criação dos Bancos Comunitários poderia potencializar todas as ações. Notamos que o BCDJB havia assimilado bem todas as fases do processo metodológico anterior ao PAIES e continuou assimilando na fase posterior.

A introdução do BCDJB no projeto serviu também para nos nortearmos e termos um case inclusive para nortear as futuras experiências durante intercâmbios, pois a fácil assimilação dos atores envolvidos no processo de constituição do BCDJB em conjunto com o tamanho do território, que é muito pequeno, permitiu com que a aplicação de questionários e mapeamentos fossem quase todos concluídos, o que nos permitiu e ainda nos permite a fazermos mais facilmente algumas leituras.

Consideramos a experiência do Banco Jardim Botânico extremamente exitosa, e não apenas pela assimilação da metodologia, mas principalmente pelo fato das ações do BCDJB estarem servindo ao seu real propósito, que é o de gerar desenvolvimento no seu local de ação. Identificamos que pelo tamanho do próprio território, esse desenvolvimento será limitado, pois sua geografia limita o crescimento populacional e também no tocante a sua territorialidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em conclusão, a experiência do Banco Comunitário Jardim Botânico na Comunidade São Rafael, em João Pessoa, Paraíba, destaca-se como um exemplo notável de sucesso na promoção do desenvolvimento local por meio de iniciativas de economia solidária. Ao longo dos anos, o BCDJB enfrentou desafios e superou obstáculos, desde a sua concepção até a consolidação, demonstrando resiliência e a capacidade de adaptação às condições locais.

A trajetória do Banco, desde a sua fundação até os dias atuais, reflete a importância do engajamento da comunidade, da parceria com instituições locais e do apoio das universidades e incubadoras. A mobilização da população, evidenciada na inauguração do banco, revela a força do trabalho coletivo e o comprometimento dos moradores em buscar alternativas para o desenvolvimento sustentável da região.

O BCDJB não apenas consolidou-se como uma referência na gestão de finanças solidárias no estado, mas também contribuiu para a formalização de empreendimentos locais, fortalecendo a economia da comunidade. O mapeamento socioeconômico e a pesquisa de Felicidade Interna Bruta (FIB) forneceram dados valiosos, permitindo a criação de projetos e ações direcionadas às reais necessidades da população.

A introdução de inovações, como a moeda social eletrônica E-Dinheiro e o diálogo para a implementação do cartão de débito Orquídea Card, demonstra a capacidade do BCDJB de se adaptar às tecnologias emergentes, proporcionando maior eficiência nas transações financeiras da comunidade.

A parceria com o projeto PAIES reforçou o compromisso em fortalecer a experiência do BCDJB, fornecendo suporte adicional e possibilitando a aplicação da metodologia de criação de Bancos Comunitários de forma mais abrangente.

No entanto, é importante destacar que o desenvolvimento do Banco encontra limitações naturais, como o tamanho geográfico restrito da comunidade. Apesar disso, o BCDJB continua desempenhando um papel crucial na promoção do desenvolvimento local, estimulando a autonomia econômica, a formalização de empreendimentos e a melhoria da qualidade de vida dos moradores de São Rafael.

Assim, a experiência do Banco Comunitário Jardim Botânico não apenas representa uma conquista significativa para a Comunidade São Rafael, mas também oferece aprendizados valiosos para futuras iniciativas de Bancos Comunitários em outras localidades, reforçando a importância da participação ativa da comunidade, parcerias estratégicas e a aplicação de práticas inovadoras para alcançar o desenvolvimento sustentável.

## REFERÊNCIAS

DEGGERONE, Zenicleia Angelita et al. Ações da Incubadora Social On-Line da UERGS em Erechim/RS. **Extensão em Foco**, [S.l.], n. 30, jan. 2023. ISSN 2358-7180.

DOS SANTOS, Daniel Pereira. **O Rádio E A Mudança Comunitária**. Clube de Autores. João Pessoa, 2013.

**Entrevistas na São Rafael durante o II ENIES, RÁDIO COMUNITÁRIA VOZ POPULAR**, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=clm6XLeIhiQ&t=71s>. Acesso em 06/01/2024.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LUCENA, Sarah Araújo de. **A implantação de um banco comunitário de desenvolvimento**: estudo de caso sobre o processo organizativo da comunidade, João Pessoa, 2013.

MARTINS, Eliecília. **Extensão como componente curricular**: oportunidade de formação integral e de solidariedade. Goiânia, Julho de 2008.

MOSTAGI, Nicole Cerci, et al. **Banco Palmas: inclusão e desenvolvimento local**. INTERAÇÕES, Campo Grande, MS, v. 20, n. 1, p. 111-124, jan./mar. 2019.

RAPOSO, Jaciara Gomes. **Banco Comunitário de Desenvolvimento Jardim Botânico**: gestão social comunitária e desenvolvimento local, João Pessoa, 2014.

SILVA, Valéria. **Ensino, pesquisa e extensão**: Uma análise das atividades desenvolvidas no GPAM e suas contribuições para a formação acadêmica. Vitória, novembro de 2011.

---

**Recebido em:** 22 de janeiro de 2024.

**Aceito em:** 07 de agosto de 2024.